

**DARCY VARGAS, SARAH KUBITSCHK E MARIA THEREZA GOULART:
INSTITUIÇÃO, PERPETUAÇÃO E REAPROPRIAÇÃO DO PRIMEIRO-
DAMISMO BRASILEIRO**

Dayanny Deyse Leite Rodrigues
Doutoranda em História (Universidade Federal de Goiás)
dayannydeyse@hotmail.com

Resumo

Por primeira-dama se convencionou denotar as esposas dos governantes, em especial aqueles em atuação no poder executivo. Nos séculos XX e XXI, este papel social se constituiu enquanto uma figura marcada pelas relações de gênero e fomentada para atuar de forma a legitimar os anseios políticos do Estado. Tal figura começou a ser delineado na passagem da década de 1930 para 1940, momento em que Darcy Vargas, esposa do então presidente Getúlio Vargas, por meio de sua trajetória de atuação junto à serviços assistenciais, cria e assume a presidência do primeiro órgão governamental de assistência social do Brasil, a Legião Brasileira de Assistência – LBA. Aquelas que a sucederam no posto, a exemplo de Sarah Kubitschek e Maria Thereza Goulart fizeram uso de suas experiências para dá continuidade à atuação pública da primeira-dama, conseguindo perpetuar e propor novas formas de apropriação do primeiro-damismo. Dessa forma, o trabalho tem como objetivo discutir as atuações das tres personalidade citadas, afim de compreender a constituição social, a perpetuação e as reapropriações do primeiro-damismo na sociedade brasileira pontuando sua relação com a discussões em torno das questões de gênero. O estudo será desenvolvido sob a perspectiva da História Política dita “Renovada” e dos Estudos de Gênero”.

Palavras-chave: Primeira-dama. Primeiro-damismo. Gênero.

**Darcy Vargas, Sarah Kubitschek e Maria Thereza Goulart: instituição,
perpetuação e reapropriação do primeiro-damismo brasileiro**

Em torno do que se convencionou chamar de primeira-dama, foi constituído uma série fatores diretamente relacionados as questões de gênero, a exemplo da valorização de “posturas femininas”, amparadas por uma base cristã e reafirmando uma longa cultura sexista. Formalmente o termo foi cunhado para fazer referência as esposas dos governantes, em especial aqueles em atuação no poder executivo (Presidente, Governador e Prefeito). Nomenclatura de reconhecimento e uso global, as ações dessas personalidades transcorreram de formas diferenciadas nas mais diversificadas localidades. No Brasil,

inicialmente as esposas de governantes tinham suas ações pautadas unicamente no âmbito privado, fato que marcou a atuação das primeiras-damas da primeira República.

Esse cenário começa a mudar a partir da atuação de Darcy Vargas, esposa de Getúlio Vargas, no decorrer das décadas de 1930 e 1940, momento em que ela molda e institui o primeiro-damismo, termo ainda não devidamente trabalhado pela historiografia, mas aqui entendido enquanto um fenômeno de longa duração, caracterizado por um conjunto de práticas exercida pelas esposas de governantes em exercício no poder executivo, que podem ser apontadas enquanto estratégia de legitimação da ideologia ou do projeto político da gestão do esposo, mas também enquanto um meio de burlar a sua organização racional e funcional, podendo ser apropriado de diferentes maneiras por essas mulheres. Dessa forma, nos deparamos com diferentes atuações e apropriações do primeiro-damismo no decorrer da história nacional”¹. Neste trabalho pautaremos a atuação de três primeiras-damas emblemáticas no processo de constituição e perpetuação desse conjunto de práticas, que são Darcy Vargas, Sarah Kubitscheck e Maria Thereza Goulart.

Nascida em 1895, em uma família de elite política de de São Borja, Rio Grande do Sul, Darcy casou-se aos 15 anos de idade com Getúlio Dorneles Vargas, em 1911. Do casamento nasceram cinco filhos: Lutero (1912), Jandira (1913), Alzira (1914), Manoel Antônio (1916) e Getúlio Filho (1917). Seguindo os padrões da época, enquanto o marido buscava uma atuação cada vez mais incisiva no espaço público, a política partidária, Darcy se firmaria como dona de casa, mãe de cinco filhos e esposa à espera do marido em seu retorno. “Darcy reproduzia a reforçava, em sua trajetória, o modelo de feminilidade predominante no início do século XX, que transformava em “missão e destino na terra” o casamento e a maternidade” (SIMILI, 2008, p. 25). Depois de muitos anos vivendo os ares da política, Darcy Vargas assume o posto de primeira-dama do país após a chega de seu esposo, Getúlio Vargas, ao poder, no contexto do Movimento de 1930. No decorrer da referida década, Darcy vivenciou experiências para além do campo privado, atuando, principalmente, junto às demandas sociais, muito ligadas ao assistencialismo.

¹ Discussão e termo trabalhado na tese em construção pela autora.

Nessa conjuntura Darcy Vargas fundou a Legião da Caridade, pensada para atuar em meio ao contexto do Movimento de 1930. A instituição tinha como objetivo arrecadar alimentos, roupas, medicamentos e demais gêneros de primeira necessidade, a fim de destiná-los às famílias dos combatentes ao lado de Getúlio, representantes dos estados dissidentes no contexto da quebra da aliança “Café com Leite”. Em seu livro, Alzira Vargas pontua a participação da mãe em apoio a seu pai no movimento revolucionário:

Mamãe desejava de auxiliar em alguma coisa fundara em Porto Alegre a Legião da Caridade. Ao chamado de “Rio Grande do Sul, de pé pelo Brasil”, vários revolucionários largaram famílias, trabalho, interesses e partiram sem olhar para trás. A legião da caridade nasceu da necessidade de fornecer mantimentos e remédios às famílias dos incontroláveis Dom Quixotes. Aos domingos e feriados, eu tenho licença para ir ajudar. O perfume teimoso do charque penetrava nos pulmões e o sol sobre o telhado de zinco de um barracão nos cais do porto queimavam os miolos das dedicadas voluntárias. Mas a distribuição dos víveres se faziam sem interrupção (PEIXOTO, 1960, p. 67-68).

A Legião contava com a colaboração de mulheres da alta sociedade rio-grandense. Por meio da filantropia, Darcy objetivava colaborar com Getúlio Vargas em sua trajetória política. Ao organizar a Legião da Caridade, Darcy Vargas se propôs a ajudar seu marido “colocando a filantropia a serviço da luta política” (SCHUMAHER & BRASIL, 2000, p.179)². Dessa forma, a partir da criação da Legião, já se pode apontar que a atuação de Darcy Vargas passou a transitar entre a esfera privada, ainda responsável pelo cuidado com os filhos e a casa, e o público, frente às necessidades sociais que passava a se engajar.

Simili (2008) destaca a importância da Legião da Caridade, bem como as novas atribuições que Darcy passa a ter após o desfecho de 1930. “Para Darcy, se impunham-se novas obrigações, tais como o de fechar a vida no Rio Grande do Sul e construir uma nova no Rio de Janeiro, acompanhando, assim, o marido na nova trajetória política (SIMILI, 2008, p. 45). Seu engajamento público, leia-se político, que se iniciou na fundação e organização da Legião da Caridade, se estenderia pelos quinze anos de duração dos mandatos ininterruptos do esposo, ou melhor, até sua morte no ano de 1968. Se constituindo enquanto um dos pilares do governo Vargas, Darcy também conseguirá elaborar um modelo de atuação para as primeiras-damas, composto por um conjunto de práticas que aqui denominados de primeiro-damismo.

² SCHUMAHER, Shuma & BRAZIL, Érico Vital (Orgs). **Dicionário Mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

A partir de 1934 Darcy Vargas busca se aproximar das obras caritativas/assistenciais encabeçada por Levi Miranda, reconhecido nome no campo. Essas obras constituiriam o Abrigo Cristo Redentor, fundado oficialmente em 1936, o qual desenvolveu trabalhos de apoio aos mendigos e menores abandonados.

A realização do Natal das Crianças, também conhecido como Natal do Pobres, é mais uma marca característica da atuação de Darcy Vargas. No decorrer dos anos em que esteve à frente do posto de primeira-dama, Darcy promoveu grandes festividades natalinas, marcadas pela distribuição de brindes e oferta de diversão ao público alvo. O evento foi tomando grandes proporções, chegando a ser necessário a ajuda de voluntários para a sua concretização. Crescendo a cada ano que era realizado, o Natal das Crianças de 1944 contou com a participação de 25 mil menores beneficiados. Em uma das edições, o Natal das Crianças foi realizado no Estádio do Maracanã. No que diz respeito ao Natal de 1951, Ana Arruda Callado (2011) relata o seguinte:

Mais de 110 mil famílias, em grande parte crianças, cruzaram as roletas do Maracanã para festa. A entrega dos pacotes de presentes, roupas, brinquedos e alimentos - foi seguida de leite gelado e refrigerantes e em seguida houve um show com a banda Fuzileiros Navais, artista de rádio e circo. Darcy permaneceu no estádio das 11 horas da manhã até às 20 horas, participando ativamente da entrega de presentes. O presidente Getúlio Vargas compareceu, acompanhada do General Caiado de Castro, chefe do gabinete militar, sendo recebido na Tribuna de honra pelo prefeito do Distrito Federal Coronel Dulcídio do Espírito Santo Cardoso (CALLADO, 2011, p. 253- 254).

As marcas das relações de gênero ficam explícitas quando observadas as posições ocupadas por Darcy e Getúlio, assim como o conjunto de obrigações diárias desenvolvidas por ambos, mesmo a figura feminina passando a se fazer presente na esfera pública.

A organização de reuniões, chás e festas com fins beneficentes é traço marcante nas práticas filantrópicas desenvolvidas pelas mulheres. Historicamente, as relações sociais de gênero sempre tiveram a participação feminina nos malandros caritativos e filantrópicos, por causa das características tidas como “naturais” pelos homens nas mulheres, a propensão para a caridade, a bondade e o amor ao próximo, inerentes ao sexo feminino. Uma das razões para o incentivo masculino era o de que o envolvimento da mulher com a filantropia não significava o abandono da família, dos filhos, pois doavam o que tinha para dar, “tempo livre” e “amor aos desamparados”. Para os homens, ao praticarem a caridade, as mulheres exercitavam a capacidade de amar e de cuidar (SIMILI, 2008, p. 121).

O trabalho e a atuação pública da primeira-dama foi se tornando cada vez mais intensa. Os filhos foram crescendo e Darcy foi assumindo outras atribuições, estas cada

mais na esfera pública. Sua figura era cultuada pelos setores de assistência aos desvalidos e desamparados. Em 1938 Darcy dá início a um grande projeto benevolente em prol dos menores jornalheiros. A Casa do Pequeno Jornaleiro passou a ser planejada, se tonando uma realidade no ano de 1940.

De acordo com o Manual da Casa do Pequeno Jornaleiro, a instituição seria resultado de um esforço liderado pela primeira-dama Darcy Vargas, em conjunto com representantes da imprensa, do sindicato dos jornalheiros, do setor empresarial, do povo e do governo. De caráter filantrópico, sua sustentação contaria como o apoio da sociedade civil e dos setores acima citados. A bravura de Darcy é destacada pelo documento, sendo apontada como grande responsável pela concretização de tal obra assistencial na cidade do Rio de Janeiro³.

A instalação da casa do pequeno jornaleiro foi um trabalho intenso, permeado sempre pela falta de recursos para continuar as obras. Mas Dona Darcy batia em todas as portas, levando seus esboços e detalhes do projeto. A Pedro Brandão foi pedir - e obteve - as mesas do refeitório, especificando que seria tudo “muito simples, funcional: uma armação de ferro com tampa de mármore”. Pedro Brandão era o diretor da companhia Nacional de navegação Costeira, de Henrique Lage, conservas estaleiros e mármore em jazidas de Santa Catarina. O Conde Pereira Carneiro, dono do Jornal do Brasil, forneceu as louças. E assim ela pode inaugurar a casa em setembro de 1940 (CALLADO, 2011, p. 47).

Ainda no processo de organização da Casa do Pequeno Jornaleiro, no ano de 1938, foi criada a Fundação Darcy Vargas. “Essa iniciativa filantrópica, sob os auspícios da Sra. Darcy Vargas, esposa do senhor presidente da república, representa uma obra de grande benemerência. E, por assim ser, criou-se ontem, a “Fundação Darcy Vargas”, o que constou de documento público firmado no Palácio Guanabara (Jornal do Brasil, 26 de novembro de 1938, p. 10). O projeto de criação da instituição para os jornalheiros foi o primeiro trabalho assistencial da Fundação Darcy Vargas, também considerado um importante componente de visibilidade às realizações da primeira-dama e, conseqüentemente, da política assistencial promovida pelo governo de Getúlio Vargas. A Fundação se caracterizou como uma entidade filantrópica com a finalidade de “curar, amparar e educar a infância desvalida da cidade do Rio de Janeiro, como também

³ O Manual da Casa do Pequeno Jornaleiro encontra-se no Arquivo Alzira Vargas do Amaral Peixoto. Classificação: AVAP vpu fdv 1954.05.19. Data: 19/05/1954 até 00/09/1991 Qtd.de documentos: 11 (43 fl). Documentos administrativos sobre a Casa do Pequeno Jornaleiro e a Fundação Darcy Vargas. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo-pessoal/AVAP/textual/documentos-administrativos-sobre-a-casa-do-pequeno-jornaleiro-e-a-fundacao-darcy-vargas>. Acesso em 13 de ago. 2018.

promover a difusão do ensino profissionalizante de menores de ambos os sexos, com o propósito de prepará-los moral e fisicamente para uma vida útil, modesta e feliz” (Ata da reunião da Fundação Darcy Vargas, de 12 dezembro de 1939).

Dando continuidade ao seu itinerário, no contexto da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, é criada a Legião Brasileira de Assistência, LBA, em 1942, cuja finalidade era assistir as famílias dos soldados enviados ao front de batalha. À frente da instituição estaria a primeira-dama da nação, e junto ao órgão moldaria o modelo de atuação pública das esposas de governantes. A Legião Brasileira de Assistência é considerada o primeiro órgão de caráter governamental destinado à assistência social. O Estado brasileiro ao convocar os homens da nação à participarem do conflito de caráter internacional, convoca também a primeira-dama do país para corroborar com esse processo. Assim, cabe ressaltar que, apesar da LBA assumir uma função social junto as demandas impostas ao Estado brasileiro, ela desempenhou também um papel político que contribuiu com a entrada de homens brasileiros de forma voluntária na guerra, ao atuar e reforçar a ideologia nacionalista de amparo às famílias dos enviados ao *front*. Portanto, vale ainda destacar que coube à Darcy Vargas, primeira-dama do país, a elaboração e execução de um dos primeiros, e naquele contexto, mais importantes, projetos de assistência já implantados no Brasil.

Destoando da estrutura das instituições filantrópicas, responsáveis pela assistência social até então, a LBA apresentou uma moldagem burocrática, definindo de forma clara os núcleos de ações estabelecidos, com contornos sistemáticos e hierarquizados, bem como ao implantar uma abordagem técnica de assistência social. Darcy passou a representar a participação feminina na guerra, ao assistir grupos familiares, convocar mulheres a servir à nação, e especializar uma parcela do público feminino na defesa do território brasileiro. Nessa direção, Sposati (2002) ressalta que “este movimento conclamou as mulheres dos governantes à missão nacional que posteriormente se consolidou na Legião Brasileira de Assistência” (SPOSATI, 2002, p. 09). A estudiosa acertadamente pontua que não se tratava de um “movimento feminino ou feminista mas ‘a arte política’ da esposa do político mostrando o caráter humanitário do governo, agindo como apêndice do governante para área de ação social sob ótica totalmente assistencialista” (SPOSATI, 2002, p. 09).

Assim, corroborando com Iraildes Torres (2002), apontamos que “A Legião Brasileira de Assistência vai constituir o grande marco dos empreendimentos das primeiras-damas no Estado brasileiro” (TORRES, 2002: 39). Foi por meio da atuação de Darcy Vargas frente à problemática social, agindo na presidência da LBA, que se constituiu no Brasil o que chamamos de “modelo de atuação das primeiras-damas”. Ou seja, o ser primeira-dama foi racionalmente pensado e estruturado na sociedade brasileira, seguindo o transcorrer dos acontecimentos políticos e sociais do momento.

Após o desfecho da Guerra a Legião assumiria novos desafios frente as demandas que emergiam. A partir daquele momento a instituição tomaria como foco central o amparo à maternidade e à infância, dois problemas exponenciais e de grande relevo na sociedade desde o início do século. Dentre diversas outras ações, a Legião Brasileira de Assistência passou a apoiar a criação de asilos, orfanatos, escolas, hospitais e espaços destinados ao acolhimento assistencial a esses grupos.

Assim, após o percurso iniciado no decorrer da década de 1930, Darcy Vargas fez uso de sua experiência junto à LBA para o primeiro-damismo no Brasil. Com exceção das primeiras-damas do período do Regime Militar, e dona Sara Kubitschek de Oliveira, as demais primeiras-damas em nível federal atuaram junto à instituição⁴. O que chamamos de primeiro-damismo começa então a se configurar no decorrer da década de 1930, momento em que Darcy Vargas vivencia e protagoniza experiências as quais nos referimos enquanto ensaios do que viria a ser o primeiro-damismo, desenvolvendo um modelo de atuação para as esposas dos governantes, por meio de sua atuação pública em setores ligados ao social, ancorada no projeto maior do Estado Novo, mas propiciando o “abrir” de portas para a atuação de muitas mulheres na esfera pública.

A partir daquele momento, caberia à primeira-dama não mais apenas a organização funcional do palácio, o oferecimento de recepções, chás e bailes, o ser uma exemplar mãe e esposa. Caberia a ela também atuar no espaço público, corroborando com o projeto político encabeçado por seu marido. A primeira-dama passaria a ter um “espaço” na governabilidade. Então, a primeira prática que caracteriza o primeiro-damismo é participação das primeiras-damas no âmbito administrativo, figurando ao lado

⁴ A primeira-dama Sarah Kubitschek de Oliveira não assumiu a presidência da LBA, atuando junto a outro órgão, as Pioneiras Sociais. O capítulo dois abordará tal discussão.

do esposo, enquanto peça que contribui com o desenvolvimento do seu projeto de governo. Ela deixaria de exercer as funções ditas domésticas, do âmbito privado, citadas acima? Não. Ela as aglomeraria. A presença e participação de esposas de governantes em áreas de assistência social, prática iniciada por Darcy Vargas, passou a ser uma constante na história do país, prevalecendo até os dias atuais. Esta é a segunda prática que caracteriza o primeiro-damismo no momento de seu nascimento.

Enquanto um fenômeno de longa duração, que já se estende por quase um século, o primeiro-damismo vai se moldando no decorrer do tempo, de acordo com as novas demandas e conjunturas, assim como acontece com a cultura política brasileira. Mas em sua essência, essas duas práticas demarcam o nascimento do primeiro-damismo no Brasil, enquanto estratégia do governo, buscando se fazer presente em áreas que pôde alcançar contando com a colaboração da figura feminina da esposa do governante. As relações de poder que se fazem presente na constituição desse fenômeno trazem à tona a apropriação de características atribuídas ao “feminino” enquanto legitimadas das desigualdades de gênero, ao passo em que às mulheres é permitido o estar no público sem abrir mão do privado.

Após a saída definitiva de Darcy do posto de primeira-dama em 1954, Jandira Café assumiu o posto por um curto espaço de tempo, e acaba não desempenhando papel de destaque. Sarah Kubitschek é a primeira-dama a dá continuidade a prática do primeiro-damismo no contexto nacional. Sarah Gomes de Lemos nasceu em 1909, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Pertencente a uma tradicional família mineira, Sarah era filha do ex-deputado federal Jaime Gomes de Souza Lemos e de Luiza Gomes de Lemos, filha do rico proprietário de terras Comendador José Duarte da Costa Negrão. A vida de Sarah é pouco conhecida no período que antecede o casamento com Juscelino, que ocorreu no dia 30 de dezembro de 1931, no Rio de Janeiro. Com JK, Sarah teve duas filhas, Marcia Kubitschek, que nasceu em 22 de outubro de 1943 e Maria Estela Kubitschek, adotada pelo casal no ano de 1947. Com a carreira política de JK, Sarah iniciou seu engajamento em obras sociais e assistenciais importantes e foi considerada a primeira-dama brasileira mais ativa de nossa história (TEMPERINI, 2016).

Durante os anos de 1940 a 1945, Sarah Kubitschek ocupou o espaço de primeira-dama de Belo Horizonte, capital mineira. Em janeiro de 1951, com a chegada de seu

esposo a governança do referido estado, Sarah se torna primeira-dama deste, permanecendo até março de 1955, momento em que JK se afasta do cargo para concorrer à Presidência da República. A atuação de Sarah Kubitschek voltada a assistência teve início no momento em que Juscelino foi eleito governador de Minas Gerais, em 1951. A partir de então, Sarah começou a organizar as senhoras da alta sociedade mineira, cujo intuito seria arrecadar donativos para os necessitados. Esse grupo de mulheres passou a ser chamado de “voluntárias” e a se reuniam na garagem do Palácio da Liberdade. Este grupo ganharia o nome de Pioneiras Sociais, cujos núcleos se espalharam pelo estado. Bojunga destaca que na contramão de uma cordialidade própria dos mineiros, “Sarah não tinha nada de simples. Gostava de formalidade, de pose. Era distante com os empregados. Não concedia intimidades. Foi ela quem instituiu o protocolo no Palácio da Liberdade, a cargo de Pedro Pereira Filho” (BOJUNGA, 2010, p. 888). Outro ponto observado pelo biógrafo, diz respeito a antipatia de Sarah em relação à política.

Dando continuidade ao trabalho assistencial, em 22 de março de 1956, Sarah Kubitschek expandiu a atuação das Pioneiras Sociais, que passaria, então, a ter abrangência nacional. Nessa circunstância, a senhora Kubitschek já ocupada o posto de primeira-dama do país. Em meio ao conturbado contexto político nacional vivenciado em meados de 1954, JK lança sua candidatura à Presidência da República. Colocando em prática uma das principais ações que constituem o primeiro-damismo, Sarah Kubitschek participa de forma incisiva da campanha eleitoral do marido, organizando e inaugurando comitês femininos. Sarah era a presidente do Comitê Central Feminino Pró-Juscelino Kubitschek e Jango. Esses comitês femininos tinham por objetivo organizar o eleitorado feminino, para que votassem a favor da chapa JK e Jango. Eles se concentram na capital carioca, enquanto Juscelino percorria os outros estados buscando seduzir o eleitorado nacional.

O lançamento oficial da Fundação que levou o nome oficial de Pioneiras Sociais ocorreu em março de 1956, com a apresentação, no Teatro Dulcina, na Cinelândia, da peça Othelo, de William Shakespeare. A festividade contou com a presença do chefe da nação, acompanhado da primeira-dama, bem como dos ministros e grandes nomes da sociedade carioca, do empresariado e da imprensa. Na solenidade, foram arrecadados fundos para aplicação nas primeiras iniciativas da instituição.

“As Pioneiras” – Iniciativa filantrópica da primeira-dama do país, Sra. Sarah Kubitschek está em pleno funcionamento e já com obras de vulto iniciativa com a pedra fundamental do Hospital Luíza de Lemos, os Hospitais Volantes encomendados nos Estados Unidos, completamente aparelhados de material médico. Esses hospitais instalados em possantes viaturas representam o que há de mais moderno em matéria de assistência pública, pois ao que se informa permitem inclusive fazer operações em lugares de desastres, etc. A sede permanente das pioneiras está sendo devidamente instalada num prédio amplo nas Laranjeiras. Grande número de senhoras colabora com a Sra. Sarah Kubitschek (Jornal das Moças, 1956)⁵.

Muito atuante na presidência da instituição, a primeira-dama contava com o auxílio de uma direção, que além do posto da presidência era composta por vice-presidente, secretário e tesoureiro, conselho administrativo, conselho fiscal e conselho técnico. As verbas recebidas pela instituição advinham do Governo Federal e de setores como a indústria, o comércio e a imprensa. Cerca de dez estados brasileiros puderam contar com os serviços das Pioneiras Sociais, os quais as ações principais estavam voltadas para as assistências médica e educacional da população carente. Dentre os trabalhos desenvolvidos podemos cotar a introdução ados hospitais volantes, a criação do Centro de Pesquisas Luiza Gomes de Lemos, de diversas escolas, de ambulatórios, de inúmeros lactários e centros de recuperação motora.

Entre os trabalhos desenvolvidos pela Fundação das Pioneiras Sociais, vale destacar a campanha “Saúde Sobre Rodas”, lançada no ano de 1958. A partir desse momento, hospitais volantes se espalharam pelo Rio de Janeiro, posteriormente também abrangendo outros estados da federação. No Rio de Janeiro oito hospitais volantes se revezavam no atendimento das populações pobres, prestando-lhes assistência médica, dentária e radiológica. As equipes compostas por médicos e enfermeiros também levavam informações, forneciam ensinamentos de educação sanitária e alimentação, realizavam exames e distribuía medicamentos para as populações carentes. Essas unidades móveis eram aparelhadas com equipamentos de clínica geral, raios X, gabinete dentário, sala para pequenas intervenções cirúrgicas, laboratório de análises clínicas, mesas ginecológicas e instrumentos para grandes campanhas de vacinação em massa. Uma atividade de grande visibilidade foi a realização de exames preventivos do câncer ginecológico na população feminina (TEMPERINI, 2016).

⁵ Disponível em: www.hemerotecadigital.bn.br. Acesso em 14 de dez. 2018.

O desenvolvimento de outro projeto daria grande destaque as Pioneiras Sociais. O Centro de Pesquisa Luiza Gomes de Lemos foi inaugurado em 1957, um ano após o início dos trabalhos das Pioneiras em nível nacional e da morte da mãe de Sarah Kubitschek, a Sra. Luiza Gomes de Lemos, vítima de um câncer ginecológico. Destinado a realizar pesquisas referentes a prevenção e detecção do câncer ginecológico e da mama, o centro surgiu com uma nova unidade de atendimento das Pioneiras Sociais. O Centro contava com uma estrutura de consultórios ginecológicos e laboratórios de cito e histopatologia, além de unidades móveis, inseridas na campanha “Saúde sobre rodas”, de unidades móveis destinados à realização de exames ginecológicos em diversos locais do estado do Rio de Janeiro.

As atividades efetivadas à frente das Pioneiras Sociais legitimaram a performance de dona Sarah Kubitschek enquanto primeira-dama atuante no cenário público, protagonizando momentos de legitimação da gestão de seu esposo e construindo para si capitais políticos. Ainda vale destacar que as grandes obras desenvolvidas pela instituição por ela presidida não se concentraram apenas no campo da assistência a saúde, apesar de ser a área de maior ênfase. A educação também foi assistida pelas Pioneiras sociais, pautando-se na construção de escolas destinadas às crianças carentes da capital federal.

A realização do Natal das Crianças foi mais uma empreitada encarada por Sarah Kubitschek. Dando continuidade a prática exercida pelas primeiras-damas que a antecederam, Sarah a realizou a sua maneira, dividindo a responsabilidade da festividade entre as Pioneiras Sociais e a LBA. Antes mesmo da realização do Natal, em novembro de 1956, Sarah inova ao abrir as portas do Palácio do Catete e do Guanabara para a construção de parques infantis. A inauguração desses parques contou com a presença e um eloquente discurso da primeira-dama, que pontuou o respeito à infância, o seu compromisso e do governo de seu esposo com as demandas em torno da criança brasileira. Sarah se comportava de forma contrário a Darcy Vargas diante de tais ocasiões, que mesmo participando de eventos e grande reconhecimento político e social, não tomava o lugar da fala. Mesmo nas imagens em que Darcy ocupa o lugar central, se apresenta enquanto protagonista da oficialidade, muitas vezes cercada de grandes personalidades da política nacional, a ela não cabe o discurso.

Sarah executava um primeiro-damismo com contorno próprios, se apropriando de elementos poutados no modelo empreendido por Darcy Vargas, mas propondo uma nova roupagem ao conjunto de práticas que compunham tal fenômeno. Ocupar o espaço da fala é um dos elementos que evidencia essa inovação.

A Legião Brasileira de Assistência era a instituição que todos os anos estava a frente da realização do Natal das Crianças, mesmo contando com o auxílio de outros órgãos. Desde a saída de Darcy Vargas, em 1954, a presidência da Legião não contava com a presença da primeira-dama. No curto espaço de tempo que seu marido governou o país, Jandira Café não ocupou o cargo, assim como não o fez Sarah Kubitschek. Considerada a grande primeira-dama, em termos de atuação pública, após o modelo empreendido por Darcy, Sarah não construiu seu itinerário assistencial por meio de práticas realizadas por meio e no interior da LBA. A instituição continuou existindo durante o governo de JK, contando com grande impulso, inclusive financeiro, mas a primeira-dama optou por atuar junto ao grupo por ela fundado, as Pioneiras Sociais, cujas algumas atividades foram elucidadas anteriormente.

Sarah foi sucedida por Eloá Quadros, que permaneceu apenas sete meses no posto de primeira-dama, devido a renúncia de seu marido, Jânio Quadros. Assume a Presidência João Goulart, e sobre Maria Thereza Goulart recaem as expectativas da função de primeira-dama do país. Como destaca Ferreira (2011), Maria Tereza não costumava acompanhar Jango em cerimônias oficiais. O marido não costumava leva-la. A segunda peculiaridade pode ser apontada como a ocupação do cargo de primeira-dama do Presidente da nação sob a vigência do sistema parlamentarista, o que delimitava o poder efetivo do poder executivo. Após o plebiscito realizado em 06 de janeiro, de 1963, em que a população foi às ruas nas manifestações sobre a forma de governo, o sistema presidencialista foi o escolhido.

Dando continuidade à cultura de ocupação da presidência da Legião Brasileira de Assistência, enquanto primeira-dama, Maria Thereza assume o cargo e tem para si a incumbência de estruturar a instituição na nova capital federal. Em uma pequena casa Maria Thereza fundou a instituição e organizou uma equipe de funcionários. Em pouco tempo, a LBA já atendia normalmente na capital do país. Diversas atividades foram retomadas pela Legião, bem como novos foram implantados. A assistência à infância e à

maternidade continuava sendo o grande foco a seguir. Nesse momento, a questão da assistência também passava pelo auxílio na saúde, fator bastante enfatizado pela ex-primeira-dama Sarah Kubitschek. Em 1962, a primeira-dama Maria Thereza, inaugurou em São Paulo o Hospital da LBA, que recebeu seu nome, “demonstrando grande interesse pelo serviço social”⁶. Também em 1962 a LBA lançou um plano de combate à tuberculose, apoiado e seguido de perto pela primeira-dama. No ano anterior Maria Thereza já havia patrocinado a Cruzada Nacional Contra Tuberculose. Contando com grande euforia e expectativa quanto a sua chegada na instituição, Maria Thereza contou com o apoio de uma equipe técnica e percorreu diversos estados do Brasil, a fim de fortalecer os laços e os trabalhos empreendidos pela Legião.

Uma de suas marcas na passagem pela LBA foi o culto presado à Darcy Vargas. De forma mais enfática que Eloá Quadros, Maria Thereza buscou amparo para suas ações e referenciou a imagem da fundadora da instituição em diversos momentos. Na sua posse a então primeira-dama aponta Darcy Vargas como a grande idealizadora de todo trabalho desenvolvido, destacando seus esforços na área social e o brilhantismo com que foi desenvolvido seu trabalho, deixando um legado a ser seguido. Maria Thereza estaria à frente da LBA justamente para seguir um modelo estruturado por Darcy. Maria Thereza ainda anuncia que “a Legião Brasileira de Assistência será, na medida de suas forças, a entidade eu a as fundadora sonhou”⁷.

Após uma tentativa de pedido de demissão da presidência da LBA e a grande repercussão que isso causou, Maria Thereza esteve à frente da LBA, até março de 1964, percorrendo estados e colocando em prática projetos desenvolvidos pela instituição. O último ano de atuação da primeira-dama foi até mais intenso, marcado pela presença constante nos eventos da Legião e na realização de discursos nessas ocasiões.

Para além das notícias sobre a participação de Maria Thereza em eventos oficiais da LBA e de suas ações destinadas ao social de forma em geral, diversos periódicos chamavam atenção para a beleza da primeira-dama. Dessa forma, suas roupas, sapatos e ornamentos eram sempre noticiados. Das primeiras-damas do Brasil até aquele período, Maria Thereza foi a que teve mais notícia vinculada a moda e a beleza.

⁶ Correio da Manhã, 11 de fevereiro de 1962. Disponível em: www.hemerotecadigital.bn.br. Acesso em 25 de out. 2018.

⁷ Jornal do Brasil (RJ), 26 de setembro de 1961. www.hemerotecadigital.bn.br. Acesso em 13 de set. 2018.

A primeira-dama participou de diversos eventos de cunho caritativo beneficente. Destes, muitos ligados à desfiles de moda, a exemplos de uma série de Desfiles da Casa Cristian Dior, de Paris, em novembro de 1961, cuja renda arrecadada seria revertida em benefício das instituições de caridade do país⁸. Em 1963 Maria Thereza patrocinou um desfile de seu costureiro, Dener, realizado no Hotel Nacional, em benefício das obras de construção da Catedral de Brasília⁹.

Além de desfiles, Maria Thereza também foi patrona de festas e eventos de outras naturezas. Foi patrona da Páscoa dos Servidores Públicos, patrocinou a Cruzada Nacional Contra Tuberculose em 1961, foi presidente de honra da Campanha da Lã para o Candango que foi realizada em junho de 1963, distribuindo agasalhos nos meses seguintes. Além disso, a primeira-dama era convidada para participar, enquanto jurada, de concursos de Miss. Vale destacar que Maria Thereza não se fazia tão presente nas cerimônias como Sarah, em diversas delas a primeira-dama enviava uma representante, quase sempre Iara Vargas. Nesse ponto ela se assemelhava mais a Darcy Vargas.

Elemento insistentemente presente em meio ao primeiro-damismo em suas primeiras performances, encontra-se a realização do Natal das Crianças, também chamado em algumas ocasiões de Natal dos Pobres e Natal dos Trabalhadores. Grandes festividades natalinas foram realizadas pelas primeiras-damas que antecederam Maria Thereza Goulart, a exemplo das diversas edições efetivadas por Darcy Vargas. A LBA era a instituição que constituía o pano de fundo para a realização da festividade, estando presente mesmo nos anos em que as Pioneiras Sociais, lideradas por Sarah Kubitschek, compartilharam a organização. A senhora Goulart teria a incumbência de realizar o Natal em um novo contexto, espacialmente distinto das experiências anteriores. Ela seria a primeira a realizar a festividade na nova capital da república. O Jornal Correio da Manhã noticiou a realização do “natal da LBA”, realizado em 22 de dezembro de 1961. O evento teria acolhido 30 mil crianças. A distribuição dos presentes, realizado pela primeira-dama, ocorreu em frente ao Teatro Municipal de Brasília. O periódico ainda destaca que a Legião Brasileira de Assistência realizou outra festividade no Rio de Janeiro, destinado à 10 mil crianças atendidas por diversas obras sociais da antiga capital, dentre elas a Casa

⁸ Jornal do Brasil (RJ), 05 de outubro de 1961. www.hemerotecadigital.bn.br. Acesso em 17 de nov. 2018.

⁹ Correio da Manhã, 20 de abril de 1963. www.hemerotecadigital.bn.br. Acesso em 15 de out. 2018.

do Pequeno Jornaleiro, a Fundação Romão de Matos Duarte e o Hospital Sanatório de Curicica¹⁰.

A perpetuação da realização do Natal evidencia o anseio de Maria Thereza em dá continuidade a tal prática empreendida pelas primeiras-damas, se mostrando enquanto um fator a mais que pode apontar para a presença do primeiro-damismo em suas ações. Vale destacar que maria Thereza, apesar de certo protagonismo, sempre colocou seu serviço enquanto colaborador do projeto de governo empreendido por seu marido. “Aqui estou para ajudar, em determinado setor, a obra administrativa de meu marido (Boletim da LBA, n.108, 1961). “Nesse sentido, de forma inédita, a primeira-dama e presidente da LBA afirmava estar em perfeita consonância com a política de governo do Presidente da República” (SILVA, 2018).

Nesse ponto, percebemos mais uma aproximação em relação à Darcy Vargas e um distanciamento quanto à Sarah Kubitschek. Esta aparentava gostar do poder que o posto de primeira-dama lhe dava, e buscou construir, por meios de ações desviacionistas, seus próprios capitais políticos, o que não implica não caminhar ao lado dos anseios governamentais do seu esposo, mas num certo protagonismo menos maquiado. Sarah gostava e ocupava os lugares de fala, tão importante no mundo político, em termos práticos bem como simbólicos. Darcy Vargas ocupava os espaços de atuação, mas sempre se colocava um passo atrás de Getúlio, assim como fizera Maria Thereza. O protagonismo era deles, e os trabalhos desenvolvidos por elas seriam corroboradores de um plano de governo. Darcy não ocupava espaços de fala. Maria Thereza chegou a ocupar, mas não de forma enfática como fizera Sarah. Fato inegável é a prática do primeiro-damismo pelas três personalidades em questão. A seu modo, elas constituíram e perpetuação o fenômeno do primeiro-damismo no Brasil até a década de 1960. A partir daí, como veremos nos capítulos seguintes, o primeiro-damismo enfrentará uma série de mudanças em meio a nova realidade política nacional.

Maria Thereza permanece no posto de primeira-dama até o dia 01 de abril de 1964, data do golpe militar que retira João Goulart da presidência. A partir desse momento, a atuação pública das primeiras-damas em nível federal sofreria um recuo, fato que se estenderia até o final do governo militar.

¹⁰ Correio da Manhã, 21 de dezembro de 1961. www.hemerotecadigital.bn.br. Acesso em 15 de nov. 2018.

Referências

- ABREU, Alzira Alves. et al. (Coord.) **Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. 5 v.
- ABREU, Dener Pamplona de. **Dener: uma vida de luxo**. 3. ed. rev. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- AVELAR, Lúcia; CINTRA, Antônio. O. **Participação política**. (orgs.), Sistema Político Brasileiro. 2. ed. Campinas: Ed. UNESP, 2007.
- AMARAL, Isabel. Primeira-dama, o que é? Madrid, 28 de fevereiro de 2007 (Palestra proferida por Isabel Amaral, na EIP - Escuela Internacional de Protocolo - em Madrid, Espanha, no dia 28 de fevereiro de 2008). Disponível em: http://br.monografias.com/trabalhos913/primeira-dama/primeira_dama2.shtml. Acesso em 15 de fev. 2018.
- BARBOSA, Michele Tupich. **Legião Brasileira de Assistência (LBA): o protagonismo feminino nas políticas de assistência em tempos de guerra (1942-1946)**. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.
- BENEVIDES, Maria Victoria. O governo Kubitschek: a esperança como fator de desenvolvimento. In: GOMES, Angela de Castro (Org). **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 15. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BOJUNGA, Cláudio. **O artista do impossível**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CALLADO, Ana Arruda. **Darcy, a outra face de Vargas**. Rio de Janeiro: Betel, 2011.
- CAMINHA, Mônica Cruz. **ABRIGO DO CRISTO REDENTOR: ESTADO E ASSISTÊNCIA SOCIAL NO PRIMEIRO GOVERNO VARGAS (1936-1945)**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz: Rio de Janeiro, 2012.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA. **Memória da Assistência Social**. Rio de Janeiro: Legião Brasileira de Assistência, 1977.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ, **Vozes**, 1997. p. 14-36.
- PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. **Getúlio Vargas, meu pai**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1960.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Recife, 1989, **mimeo**. [Tradução: Christine Rufino Dabat & Maria Betânia Ávila].

SPOSATI, Aldaíza; FALCÃO, Mario do Carmo (orgs.). **LBA: identidade e efetividade das ações no enfrentamento da pobreza brasileira**. São Paulo, EDUC, 1989.

SPOSATI, Adaílza (Coord). **A Assistência Social no Brasil 1983-1990**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SIMILI, Ivana Guilherme. **Mulher e Política: A Trajetória da Primeira- Dama Darcy Vargas (1930-1945)**. São Paulo: Editora UNESP. 2008.

TEMPERINI, Rosana Soares de Lima. **Fundação das Pioneiras Sociais: contribuição para o controle do câncer do colo do útero no Brasil 1956-1990**. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro: s.n., 2016.

TORRES, Iraildes Caldas. **As primeiras-damas e a assistência social: relações de gênero e poder**. São Paulo: Cortez, 2002.